



APROPRIAÇÕES, OCUPAÇÕES E RESISTÊNCIAS NO ESPAÇO PÚBLICO: NO CONTEXTO PÓS-PANDEMIA

*APPROPRIATIONS, OCCUPATIONS AND RESISTANCE IN PUBLIC SPACE:
IN THE POST-PANDEMIC CONTEXT*

*APPROPRIATIONS, OCCUPATIONS AND RESISTANCES IN PUBLIC SPACE:
NO POST-PANDEMIC CONTEXT*

GUIMARÃES, CAMILA FERREIRA

*Doutoranda no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP).
Docente pela Universidade de Uberaba. camila.guimaraes@uniube.br*

SANTOS, THIAGO REIS DOS

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente para cursos de graduação (Arquitetura e Psicologia) e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE-UNIUBE. thiago.santos@uniube.br

JULIANI, SOPHIA MARIÁ DURÃO

*Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Uberaba, pesquisadora no Laboratório de Estudos do Território (LET-UNIUBE).
sophiajuliane@hotmail.com*

RESUMO

O debate acerca do espaço público no contexto contemporâneo ressalta diversos conflitos referentes à produção da cidade, desde a produção das leis, a conformação morfológica, a apropriação pelos praticantes e usuários do espaço. Propomos nesta pesquisa, analisar e compreender as transformações nas dinâmicas socioespaciais vinculadas aos espaços públicos no centro histórico da cidade de Uberaba, MG, como elemento de valor. Ao adotarmos o ponto de vista rizomático (Deleuze e Guattari, 1995) para cartografar a realidade, procuramos entender como a dinâmica dos fluxos, trajetos e encontros que vendedores ambulantes traçam em seus caminhos até o centro e constroem relações com o patrimônio cultural material da cidade. Buscamos, portanto, debater as relações imateriais e simbólicas que perpassam os usos e apropriações dos espaços públicos no centro de Uberaba. Esses vendedores, apropriam do espaço público, criando territórios, ressignificando usos, e consumindo a área mediante seus desejos.

PALAVRAS-CHAVE: rizoma; patrimônio; cartografia sensível; centro histórico.

ABSTRACT

The debate about public space in the contemporary context highlights several conflicts regarding the production of the city, from the production of laws, the morphological conformation, the appropriation by practitioners and users of the space. In this research, we propose to analyze and understand the transformations in socio-spatial dynamics linked to public spaces in the historic center of the city of Uberaba, MG, as an element of value. By adopting the rhizomatic point of view (Deleuze and Guattari, 1995) to map reality, we seek to understand how the dynamics of flows, paths and encounters that street vendors trace on their way to the center and build relationships with the city's material cultural heritage. We therefore seek to debate the immaterial and symbolic relationships that permeate the uses and appropriations of public spaces in the center of Uberaba. These sellers appropriate public space, creating territories, redefining uses, and consuming the area according to their desires.

KEYWORDS: rhizome; patrimony; sensitive cartography; historic center.

RESUMEN

El debate sobre el espacio público en el contexto contemporáneo pone de relieve varios conflictos en torno a la producción de la ciudad, desde la producción de leyes, la conformación morfológica, la apropiación por parte de los practicantes y usuarios del espacio. En esta investigación nos proponemos analizar y comprender las transformaciones en las dinámicas socioespaciales vinculadas a los espacios públicos en el centro histórico de la ciudad de Uberaba, MG, como elemento de valor. Al adoptar el punto de vista rizomático (Deleuze y Guattari, 1995) para mapear la realidad, buscamos comprender cómo las dinámicas de flujos, recorridos y encuentros que los vendedores ambulantes trazan en su camino hacia el centro y construyen relaciones con el patrimonio cultural material de la ciudad. Por lo tanto, buscamos debatir las relaciones inmateriales y simbólicas que permean los usos y apropiaciones de los espacios públicos en el centro de Uberaba. Estos vendedores se apropian del espacio público, crean territorios, redefinen usos y consumen el área según sus deseos.

PALABRAS CLAVE: rizoma; patrimonio; cartografía sensible; centro histórico.

INTRODUÇÃO

O espaço público constitui um elemento essencial na configuração da cidade contemporânea. A complexidade que envolve a vida coletiva é representada neste espaço, portanto, o seu estudo reflete os conflitos latentes da apropriação dos espaços comuns na cidade por diversos segmentos sociais. Nesta perspectiva sobre a construção do espaço público percebemos um fator contraditório neste mundo do “comum”, ao mesmo tempo que recebe a denominação “comum”, nem sempre é acessível a todos. O espaço público passa a ser o local onde as individualidades antes percebidas dentro da esfera privada do lar, ficam visíveis a todos, e por meio delas que os habitantes podem se destacar uns dos outros.

Outro ponto que propomos neste estudo está relacionado à multiplicidade do espaço público, usaremos como base os autores Deleuze e Guattari (2011) para aplicar a teoria do rizoma, na qual a multiplicidade, a heterogeneidade e a ruptura constituem fatores determinantes dessa relação rizomática, que caracteriza a instabilidade da relação espaço-tempo no espaço público. Por conseguinte, a desterritorialização é uma condição configurada pelos deslocamentos dos praticantes do espaço público. Para além da dimensão tempo-espaço, há a dimensão do consumo potencializada pelos meios de comunicação e informação em massa.

A partir da concepção estruturada por Deleuze e Guattari sobre o Rizoma que, em linhas gerais propõe uma resignificação do mundo e uma forma de compreensão de vida como um sistema de conexões, pretendemos identificar e compreender as apropriações e ocupações em um ambiente central e indissociável na formação e consolidação do território. Nesse sentido, objetivamos ainda a compreensão dos processos vinculados ao consumo no e do espaço e do patrimônio a fim de produzir uma forma de cartografia sensível analisando os movimentos, as linhas de fuga, as tendências do público que consomem temporariamente áreas na cidade de Uberaba e o papel do centro histórico para a cidade

Em Uberaba, percebemos nos últimos anos apropriações diversas dos espaços públicos, eventos vinculados a datas comemorativas, manifestações, instalações de equipamentos temporários, ocupações por festas privadas, extensão de empreendimentos comerciais, apropriações por pessoas em situação de rua, entre outras. Nos interessa identificar e mapear essa multiplicidade do espaço público dentro de uma lógica de consumo e situações que ele assume um importante caráter político e social.

Os títulos das seções podem ser personalizados. A introdução deve fazer uma explanação geral da temática e da proposta de artigo (objeto, objetivos, metodologia, estrutura do texto). A introdução deve fazer uma explanação geral da temática e da proposta de artigo (objeto, objetivos, metodologia, estrutura do texto).

OBJETIVOS

A partir da concepção estruturada por Deleuze & Guattari sobre o Rizoma que, em linhas gerais propõe uma resignificação do mundo e uma forma de compreensão de vida como um sistema de conexões, pretendemos

identificar e compreender as apropriações e ocupações no espaço público. Nesse sentido, o espaço público representa um elemento central da interação política e social. O debate acerca do espaço público no contexto contemporâneo ressalta diversos conflitos referentes à produção da cidade, desde a produção das leis, a conformação morfológica, a apropriação pelos praticantes do espaço.

Essa pesquisa financiada pela FAPEMIG objetiva a compreensão do papel do espaço público enquanto meio de interação socioespacial e apropriação no centro histórico da cidade de Uberaba. Também produzir uma cartografia sensível a partir dos vendedores ambulantes, identificando relações de uso, consumo no território e transformações do espaço.

METODOLOGIA

Partimos de um estudo teórico sobre a Teoria do Rizoma proposta por Deleuze & Guattari. Além da bibliografia elementar, recorreremos às leituras complementares que nos auxiliassem a decodificar a complexidade da teoria do rizoma. Em uma perspectiva prática, tentamos nos apropriar do método rizomático de interpretação da realidade, sobretudo a partir do 5º princípio elencado por Deleuze & Guattari:

De modo complementar à ideia de rizoma, foram utilizados métodos qualitativos de investigação do espaço urbano enquanto centro histórico, a saber: entrevistas semiestruturadas e registros visuais (fotografias). Após a coleta de dados, estabeleceu-se uma cartografia sensível, formulada através de uma pesquisa de campo da população focada nos vendedores ambulantes na cidade de Uberaba.

DESENVOLVIMENTO

Uma raiz com crescimento diferenciado, sem direção clara e definida: trata-se de linhas horizontais que se espalham, se ligam, alastram, consomem e se multiplicam, um método anti-cartesiano, uma cartografia (Rocha; Clasen, 2017). A Teoria do Rizoma de Deleuze & Guattari nos permite observar o território a partir de outras modalidades, permitindo-nos, a nosso ver, o mapeamento e deslocamento de intensidades, linhas e agenciamentos que o interferem.

Em outras palavras, o rizoma é um conceito que abre perspectivas para compreensão da vida a partir da produção do inconsciente, isto é, está vinculado à uma perspectiva de produção. A relação entre o rizoma e a produção do inconsciente evidencia-se porque, operando rizomaticamente, o desejo se move por meio de linhas não hierarquizadas, a-significantes, produzindo platôs, múltiplos e conectáveis com outras hastes subterrâneas. Aberto para experimentações, espalha-se em outras múltiplas direções: abre, fecha, aprisiona, corta, pulsa, constrói e destrói. Cresce onde há espaço, floresce onde encontra possibilidade, o mapa rizomático não produz um inconsciente fechado sobre si mesmo, ele o constrói.

Para Deleuze & Guattari, o território é entendido como um processo, um constante fazer-se e desfazer-se, um conjunto de conexões, uma rede de relações que se autoproduz por agenciamentos (Haesbaert, 2002). O desejo cria territórios. Os agenciamentos na teoria do rizoma funcionam como fluxos semióticos, material e social, que conectam os elementos e permitem o crescimento das dimensões da multiplicidade, a qual muda de natureza conforme aumenta e cresce. Essas multiplicidades se definem por fora, pela linha abstrata, linha de fuga ou desterritorialização. Nesse sentido, “não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização sem ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (Deleuze & Guattari apud Haesbaert, 2002, p. 01). Ou seja, a territorialização e a desterritorialização são processos concomitantes. Conectando o estudo teórico sistemático da Teoria do Rizoma, o mapa cartográfico não exige somente atenção ao território, mas as desterritorializações produzidas por ele.

Figura 1: Cartografia Rizomática dos percursos de vendedores ambulantes



Fonte: Autoral. 2023

A cidade sempre foi um meio de subsistência, um ambiente capaz de acolher os desejos e de manifestá-los, capaz de incentivar e reprimir, de transformar e de resistir a transformações, ela torna-se um grande cenário a ser desejado por todos, onde seus habitantes constroem a própria imagem. A privação do fluxo natural das pessoas facilita o movimento de desterritorialização na cidade, nesse sentido a teoria do rizoma aborda o querer como um elemento múltiplo e capaz de construir cidades, conduzidas pela territorialização e desterritorialização do espaço (Almeida, 2014). Dessa forma, esses processos não acontecem sozinhos, o território é um agenciamento, tudo pode ser territorializado e desterritorializado, criando apropriações do espaço.

A cidade é como um organismo vivo, que carrega em seu ambiente a soma de vários bens de naturezas distintas que amalgama significados desses testemunhos. De acordo com a dinâmica histórica, a cidade está sempre se definindo na ocupação de novos espaços geográficos e na sobreposição sobre antigos, carregando no seu bojo múltiplas memórias de várias gerações, afinadas às diversidades culturais de uma dada localidade. O centro histórico da cidade de Uberaba é um reflexo disso, ele é responsável por atrair pessoas de distintas regiões devido à forte identidade e sensação de segurança. Contudo, os centros históricos são alvos de um processo de enfraquecimento de memória histórica e perda da identidade, passando por diversas reformas, que os descaracterizam (Benjamin apud Voz, 2019). O que preservar é uma demanda do presente, “o que lembrar e o que esquecer”, assim como Walter Benjamin expressa, a fragilidade histórica.

Figura 2: Praça Rui Barbosa, Uberaba, MG.



Fonte: Autoral. 2023

Nesse contexto, a Praça Rui Barbosa localizada no centro histórico da cidade de Uberaba foi e ainda é vítima desse processo de apagamento. Ao longo dos anos e dos diversos usos que a praça acomodou, seu desenho foi restruturado, abordando os conceitos modernos: a forma segue a função. A malha urbana ao redor é descaracterizada, a paisagem original é encoberta e acarreta uma crise histórica na tradição da cidade.

Protagonista e objeto de estudo, a cidade canaliza o vetor do desejo e cria suas próprias linhas de fuga e ramifica as raízes. Ela ainda é o predador dominante das minorias, os territórios inseguros e os ares de abandono noturno nos centros acompanham os perigos e a necessidade do trabalho dessas pessoas (Jacobs, 1961), obrigando que cada habitante da cidade crie um zoneamento próprio e uma rede de territórios capazes de manter sua segurança. O medo, a insegurança, a invisibilidade e o preconceito são os acompanhantes principais desses vendedores ambulantes, os quais apresentam características semelhantes tanto em como enxergam a cidade, quanto no perfil socioeconômico. Com isso, foi realizada uma análise de ocupação e uso do centro, na cidade de Uberaba, evidenciando como vendedores ambulantes constroem seus rizomas, criam e destroem sua territorialidade e como formam suas linhas de fuga na cidade.

Essas pessoas as quais fizeram parte da pesquisa queixam de como passam despercebidas pelos habitantes da cidade e como não se sentem pertencentes a esse lugar, como se a própria cidade arrancasse pelas raízes a semente que ainda não floresceu, semelhante a uma doença patológica que vive em um sistema vivo e ceifa a ânsia da vida daqueles que ainda desejam. Por meio da análise, a maioria deles não possui casa própria e moram de favor, muitos sofreram com os impactos da falta de trabalho causada pela pandemia da covid-19 e outros buscam formas de se reestruturar e proporcionar condições melhores aos filhos. A maior parte dos entrevistados eram homens adultos com filhos que optaram por serem vendedores ambulantes pelas dificuldades hodiernas da família.

Figura 2: Apropriação do espaço pelos vendedores ambulantes.



Fonte: Autorial. 2023

A qualidade de vida urbana tornou-se uma mercadoria, assim como a própria cidade graças a capacidade do ser humano de ressignificar e se adaptar aos diferentes contextos. A máquina capitalista administra o desejo como fuga, factualmente, a cidade é composta por desterritorializações e fugas, uma realizada pelas pessoas a outra pelos seus desejos.

A geografia dos espaços nômades consiste na criação e rompimento que esses vendedores ambulantes criam todos os dias e na necessidade de exercer o poder de territorialidade em seus espaços. Cada um dos entrevistados apresenta relações diferentes com a terra e com os caminhos percorridos na cidade, cada um organiza as funções, objetivos e destinos de forma diferente, mas todos os organizam na forma como expressam o desejo.

Durante a pesquisa, é perceptível que os habitantes criam um zoneamento próprio em seu território capaz de apresentarem disputas por eles, tanto pelos próprios vendedores quanto por suas mercadorias, a ameaça iminente sempre é um risco. Também, a forma como os vendedores desorganizam as funções da cidade para benefício próprio expressam as multiplicidades e os desejos iminentes, capazes de apresentarem uma nova dinâmica e uso a cidade (Almeida, 2014).

RESULTADOS

“Um mapa é uma questão de performance.” (Deleuze e Guattari, 1995)

A cartografia é um mapa, uma escrita, uma problemática, um rizoma capaz de percorrer o território tanto em seus meandros quanto em seu desenho urbano, buscando dar conta dos problemas da contemporaneidade. Ela é um componente aberto, que configura o espaço em sua totalidade para compreensão e experimentação urbana, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantes, enraizado e possível de ser adaptável. Formado por um indivíduo ou grupo, como princípio do rizoma e voltada para o real, o habitar em um território existencial, uma potência para dar visibilidade, uma ferramenta para imaginação e proposição territorial.

O método de cartografia exige uma maior atenção a paisagem, uma preocupação com o entorno, com a arquitetura e com as pessoas, com os espaços e seus usos, com o consumo, mobilidade e até história a fim de conhecer as reais

necessidades e características do espaço. Ela possui um caminho próprio e objetivo, o qual revela divergências, convergências, conflitos e improvisos, alimentado por incertezas (Lopes, 2019). A cartografia tem o objetivo de realocar as linhas do rizoma e as linhas de fuga na malha para uma melhor percepção do todo, por meio dessa, é possível observar com mais clareza, assim como afirma Marcela Lopes, doutora em Arquitetura e Urbanismo:

Mapear como se dão as formações dos grupos, a partir da sua conexão com determinadas narrativas, permite identificar os pontos de interseção entre os grupos, como também as possíveis armadilhas recorrentes nos processos de disputas. Aposta-se, com isso, que seja também possível fortalecer as conexões entre os processos coletivos e colaborativos já em ação nas disputas territoriais (Lopes, 2019).

Dessa forma, organizando e analisando os caminhos percorridos para o centro pelos vendedores ambulantes na cidade de Uberaba é perceptível que a maioria deles se fixa nos lugares de maior concentração populacional, como as avenidas principais, isso para ter a possibilidade de atingir um maior mercado com suas vendas. Os vendedores ambulantes carregam identidade cultural nos produtos vendidos e ocupam do espaço público com uma certa acomodação, levando em conta a possibilidade de comércio durante o trajeto até o centro e trazendo à tona algumas das dificuldades da vida urbana.

Todas essas atividades que não fazem parte do desenho urbano, mas que ocupam e apropriam do espaço urbano proporcionam ao centro histórico certo dinamismo e comunicação, o qual só é possível por meio do mapeamento sensível, que exprime uma cidade invisível que não pode ser representada sem um olhar atento (Rocha, 2019).

Figura 4: Cartografia sensível.



Fonte: Autores. Mapa base: Prefeitura Municipal de Uberaba. 2023

CONCLUSÃO

Como Deleuze & Guattari afirmam em seu livro, o Rizoma é uma proposta de pensamento onde os conceitos não são hierarquizados, que se alastram e se conectam, capazes de romper e se conectar, criando alguns territórios e rompendo com outros. A partir dos encontros e quebras de linhas de fuga outras raízes são geradas e novas linhas de territorialização florescem. O rizoma expressa conectividade e heterogeneidade, ele necessita ser aberto para a propagação do desejo e para geração de novas multiplicidades por meio dos agenciamentos e conceitos. Ele é a produção do inconsciente, do desejo, o qual é capaz de criar territórios e de apropriar espaços. Esses vendedores, apropriam do espaço público, criando territórios e consumindo a área mediante seus desejos.

Dessa forma, podemos concluir que assim como o rizoma, os vendedores ambulantes traçam os próprios caminhos, muitas das vezes criando diferentes percursos e territórios para serem aceitos e vistos nas cidades. O vendedor ambulante mostra abandono e reflete a liberdade de escolha mesmo com a segregação espacial presente e ativa na vida dessas pessoas que atravessam obstáculos para plantarem melhores oportunidades para suas famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. P. Da Providência à Cidade do Espelho: a arquitetura e urbanismo como máquina de desejo a cidade. In: **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**. V.16, p.51-65, 2014.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água Editorial, 1991.

DELEUZE G., F. GUATTARI. **Mil Platôs**. Vol. 1. Editora 34, 1995.

HABERMAS, J. **Mudança Estrutural na Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1984

HAESBAERT, R.; BRUCE, G. A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari. In: **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 7-22, 21 set. 2002.

HARVEY, David, O Direito à cidade. In: **New Left Review**, n. 53, p. 1, 2008.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1961.

JULIANI, Sophia Mariá Durão; GUIMARÃES, Camila Ferreira; SANTOS, Thiago Reis dos. Cartografias das Imaterialidades: Relações entre o Espaço Público do Centro Histórico de Uberaba e suas Práticas Socioespaciais.. In: Anais do 5º Simpósio Científico ICOMOS Brasil e 2º Simpósio Científico ICOMOS/LAC. Anais...Belo Horizonte(MG) UFMG, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/5-icomos-2-icomos-lac/568811-cartografias-das-imaterialidades--relacoes-entre-o-espaco-publico-do-centro-historico-de-uberaba-e-suas-praticas->

LOPES, M. S. B.; RENA, N. S. A.; SÁ, A. I. Método Cartográfico Indisciplinar: da topologia à topografia do rizoma. In: **VIRUS**, São Carlos, n. 19, 2019.

PARK, Robert, **On Social Control and Collective Behavior**, Chicago, 1967.

RENA, N. S. A.; SÁ, A. I. J. A.; LOPES, M. S. B.; FRANZONI, J. Á. Grupo de Pesquisa Indisciplinar: Método, Ativismo e Tecnopolítica na Defesa dos Bens Comuns Urbanos. In: **Congresso Internacional Contested_Cities**, 5., Madrid. **Anais**, 2016.

ROCHA, E. et. al. Cartografias Sensíveis na Cidade experiência e resistência no espaço público na Região Sul de RS. In: **Revista Píxo**, v.1, n.3. 2017.

ROCHA, E.; RESENDE, L. M. Para-formal commerce: a cartography of public space in the Brazil-Uruguay border. In: **urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana**. Curitiba, v. 11, 2019. Disponível em: <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-33692019000100218&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: fev. 2023.

THEODORE, N.; PECK, J.; BRENNER, N. Urbanismo Neoliberal: la Ciudad y el Imperio de los Mercados. In: **Temas Sociales**, n. 66, 2009.

VOLZ, F. Walter Benjamin: memória e conhecimento do presente. In: **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, v. 10, n. 3, p. 150–168, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/40395>. Acesso em: 8 fev. 2023.